



A globalização e a práxis teológica

Jorge Pinheiro

Faculdade Luterana de Teologia

Dezembro de 1997

A GLOBALIZAÇÃO E A PRÁXIS TEOLÓGICA NA AMÉRICA LATINA

Jorge Pinheiro*

<i>Pra refazer o trabalho</i>	<i>Na volta do caminho</i>
<i>pra semear minha vida</i>	<i>tem os anjos pra velar</i>
<i>já bate a cancela</i>	<i>a gente lá de casa</i>
<i>bate o tempo do pilão</i>	<i>bate a roupa pra lavar</i>
<i>já bate o atabaque</i>	<i>Pra renascer todo dia</i>
<i>rebatendo a imensidão</i>	<i>pra descobrir o compasso</i>
<i>céu pegando fogo</i>	<i>já bate a correnteza</i>
<i>uma estrela vai queimar</i>	<i>bate asa no sertão</i>
<i>eu sou de quem me chama</i>	<i>o boi puxando o carro</i>
<i>eu não sou desse lugar</i>	<i>o candieiro a direção</i>
<i>Serra do mar noite alta</i>	
<i>vou preparar minha volta (...)</i>	<i>Cacaso</i>

Um poema de Cacaso¹ pode parecer estranho como abertura de um trabalho que pretende analisar questões referentes à ideologia² na *práxis* teológica la-

* Jorge Pinheiro é professor de Apologética e História e Teologia do Período Intertestamentário na Fac. Teológica Batista de S. Paulo. É graduado pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade do Chile e mestrando em Antigo Testamento pela Fac. Teol. Batista de S. Paulo.

¹ Cacaso, Um Canto de Trabalho in Mar de Mineiro, Rio de Janeiro, 1982. Nos anos 70, durante o governo militar, Cacaso foi uma das vozes mais expressivas da jovem poesia brasileira.

² O termo *ideologia* foi criado por Destutt de Tracy (1754-1836), a quem Marx chama de "frio zelador da doutrina burguesa" em *O Capital*, v. I (Paris: Gallimard, 1965) 1166. Nesse artigo, o conceito *ideologia* será usado sempre no sentido de falsa consciência geradora de alienação histórica, conforme desenvolvido por Marx/Engels em *L'Idéologie Allemande*, (Paris: Gallimard, 1982). Levamos em conta, ainda, dois outros trabalhos: o primeiro de Claude Lefort, *Les Formes*

tino-americana. Todavia, método e conteúdo fazem parte da mesma totalidade. Por isso, assuntos focalizados neste artigo, como globalização, intelectualidade e missão profética, assim como os desafios da brasilidade não estão separados da emoção, da ação em comunidade e objetivamente do fazer teológico. Ao contrário, eles nos dão elementos para entendermos *por que e quando* nossa *práxis* des-camba para a falsa consciência e a alienação.

Descartamos a possibilidade de uma *práxis* formadora e transformadora na vida teológica brasileira e latino-americana, sem a compreensão de que o desafio não consiste em pensar globalmente, mas agir localmente. Por isso, a universalidade do trabalho, da volta ao espaço de vida e do renascimento a cada dia, traduzidos no poema de Cacaso, norteiam o caminho que desenvolvemos neste estudo.

AS CONTRADIÇÕES DA GLOBALIZAÇÃO

O planeta mudou sua face com o fim da Segunda Guerra Mundial. Uma grande parte do mundo tornou-se comunista, incluindo mais da metade da Europa, a maior parte do território da Ásia e um país latino-americano.³ Durante 40 anos, os países comunistas existiram enquanto bloco, exercendo o papel de um dos centros políticos no mundo, cuja expressão espacial e física se encontrava em Moscou. De outro lado, os países democráticos consolidaram-se em bloco opo-sitor de poder político, expresso através da hegemonia norte-americana. Essa polaridade do poder político e militar delineou a face mundial durante esses anos.

No mundo comunista, a igreja enfrentou perseguição. Milhares de cristãos foram presos, internados em campos de trabalhos forçados e mortos. No mundo democrático, construiu-se um muro de separação entre o estado e as igrejas nacionais. O liberalismo deu origem ao secularismo e ao individualismo ególatra da sociedade de consumo.⁴

de l'histoire, Essai d'anthropologie politique (Paris: Gallimard, 1978), e o segundo de L. Althusser, *Pour Marx*, (Paris: Maspero, 1965).

³ A transformação de diversos estados da Europa central e oriental em repúblicas, a partir de 1945, alterou o equilíbrio de poder entre os países socialistas e capitalistas, condicionando a política do mundo inteiro e gerando um estado de tensão permanente que ficou conhecido como Guerra Fria. Os laços entre a União Soviética e os países satélites foram estabelecidos através de acordos militares como o Pacto de Varsóvia e econômicos como o Comecom. De forma geral, a política estratégica de Moscou caracterizou-se pela tentativa de conter, na ONU, a política externa das grandes potências capitalistas; estímulo aos movimentos de oposição ocidentais contrários à expansão armamentista; confronto ideológico com o bloco ocidental dentro de suas esferas de influência; e reforço de seus próprios interesses dentro do bloco socialista.

⁴ "Essa cisão dramática entre ética e civilização manifesta-se de modo particularmente agudo quando se tem em vista o problema da comunidade ética no contexto da modernidade, ou quando é colocada a questão sobre o destino da comunidade ética numa civilização regida pelo pressuposto da *práxis*. A experiência milenar das sociedades humanas logrou constituir no curso da história formas de comunidades éticas como a família, os grupos religiosos, as tradições culturais e

Mas com a derrota ocidental,⁵ sob liderança dos EUA, na guerra do Vietnã,⁶ e com o desmoronamento do bloco comunista fez-se um vazio de poder político no conjunto do planeta. Mais rapidamente do que poderíamos imaginar, a cavalo da informatização e da verticalização da informação, a democracia do livre comércio ocupou o vazio existente. Desaparecia um mundo liderado pela polarização política, dando lugar à livre expressão econômica do capital financeiro.⁷ Por isso, no mundo atual as relações de força não mais se realizam de maneira centralizada, como eram antes. Temos um mundo que desorganiza centros, mas que se organiza a si mesmo.

Hoje, as empresas globais, supranacionais, realizam uma nova centralidade, atuam a partir de centros frouxos, mas são socialmente cegas, já que abandonaram qualquer objetivo ético ou solidário. A idéia de finalidade inexistente para esses condutores na economia globalizada. Para a democracia de livre comércio não há nacionalidade. Por isso, quando falamos em benefícios para o Brasil, no

outras, onde os indivíduos se acolhiam para buscar uma razoável satisfação de suas necessidades simbólicas. O enfraquecimento ou a dissolução dessas comunidades é, talvez, o efeito mais visível do processo de integração das sociedades mais diversas no âmbito e no espírito (ou na ideologia) da civilização universal moderna. Tornou-se banal a afirmação de que a ideologia verdadeiramente representativa da modernidade é o individualismo". Henrique C. de Lima Vaz, "Ética e Comunidade", in Síntese / Revista Trimestral da Faculdade de Filosofia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, BH, nº 52, jan./mar. 1991, 7.

⁵ "O cristianismo e o judaísmo floresceram ou pelo menos sobreviveram em toda espécie de sistema social conhecido da humanidade. Se o capitalismo democrático percesse durante os próximos cinquenta anos, como bem poderia acontecer, o cristianismo e o judaísmo ainda sobreviveriam; segundo a promessa de Deus, sobreviverão até o fim dos tempos. É essencial, portanto, não confundir a transcendência do cristianismo e do judaísmo com a sobrevivência do capitalismo democrático. Se o capitalismo democrático desaparecesse da terra, a humanidade mergulharia em trevas relativas e judeus e cristãos sofreriam em regimes bem mais hostis às suas liberdades e capacidades. No entanto, judaísmo e cristianismo não exigem capitalismo democrático. Ocorre somente que, sem ele, ambos seriam mais pobres e menos livres. Entre as economias políticas pode haver alguma coisa melhor que o capitalismo democrático auto-regulador. Se existe, ainda não está à vista". Michael Novak, *O Espírito do Capitalismo Democrático*, (Rio: Nórdica, 1982) 392.

⁶ A retirada americana deu início à fase final da guerra do Vietnã e ao enfraquecimento do governo de Nguyen Van Thieu, que não resistiu ao avanço das tropas vietcongues. O Acordo de Paris, negociado por Henry Kissinger e Le Duc Tho, foi assinado em 21/1/1973. O documento estabelecia o cessar-fogo, a retirada das tropas americanas, a convocação de eleições no Vietnã do Sul e a libertação dos presos de guerra. Os EUA perderam quase 46 mil soldados e tiveram cerca de 300 mil feridos. No dia 21/4/95 deu-se a arrancada final dos comunistas. Van Thieu fugiu para os EUA e o general Duong Van Minh rendeu-se incondicionalmente ao vietcongue em 30/4/75.

⁷ "Estamos diante de um novo modo de funcionamento sistêmico do capitalismo mundial ou, em outros termos, de uma nova modalidade de regime de acumulação. Por trás do termo vago de *mundialização* encontra-se um novo regime de acumulação, ao qual dou o nome de regime mundializado sob égide financeira". François Chesnais, *Novo capitalismo intensifica velhas formas de exploração*, entrevista a. Folha de S. Paulo, 2/11/97. Chesnais é especialista em economia industrial e da inovação tecnológica, professor da Universidade Paris 13 e autor de *A Mundialização do Capital* (Ed. Xamã, São Paulo) e *La Mondialisation Financière* (Ed. Syros, Paris).

mundo globalizado pela não espacialidade do capital financeiro, estamos seqüestrando o conceito de nacionalidade. Haverá benefícios, é claro, mas não para a nação nomeada e sim para os agrupamentos supranacionais. Algumas migalhas podem chegar à população, mas não enquanto finalidade. Daí a necessidade da formação de blocos regionais de livre comércio, como o Pacto Andino e o Mercosul, que têm a finalidade de atrair e facilitar a realização do capital em áreas definidas.

O conceito de nação implica em territorialidade, pois é a partir dela que temos a expressão mais ampla de uma comunidade. Território é isso, a área através da qual um estado exerce sua força e poder. De fato, a globalização choca-se com um adversário: a realidade do território. Não há, em termos de globalidade, a possibilidade de se definir o que deve ser feito em cada território, em todos os territórios existentes no mundo. Atualmente, os estados são coadjuvantes da democracia de livre comércio. Aceito esse papel, os presidentes de repúblicas tornaram-se caixeiros viajantes ou meros executivos das empresas supranacionais. Mas a nacionalidade continua existindo porque a sua base é o território e como consequência temos a realidade do estado, ainda hoje um elemento de força expressiva.

A tradução viva do território é a sociedade, enquanto maioria da população, das empresas e das instituições. As empresas supranacionais não necessitam de território, mas de centros frouxos, alavancas da realização de sua riqueza. Dizer que o estado nacional acabou, que não é possível um projeto nacional é, ao menos até agora, uma afirmação superficial. O estado planetário, no nível atual de previsão, é uma fantasia.

Nossa terceira onda urbanizatória, fruto direto da industrialização dos anos 50-60, aliada ao movimento migratório, principalmente nordestino, e à expressão democrática de novas correntes de pensamento, mudou a cara das cidades brasileiras e por extensão do país. Esse fenômeno, uma versão indígena da secularização global, golpeou a estrutura familiar, fortaleceu o individualismo e aumentou o fosso social entre participantes do mercado e deserdados do capital.

Esse processo, que coincidiu ao nível latino-americano com a revolução cubana, produziu em nosso país um comunismo mulato, que mais tarde foi traduzido em teologia da libertação por brasileiros como Rubem Alves e Leonardo Boff, na trilha do teólogo católico peruano Gustavo Gutiérrez. Muito influenciada pelo marxismo, essa teologia define-se em primeiro lugar pela prática da ação social. Teve muita importância nos anos 70 e 80, quando criou e desenvolveu as comunidades eclesiais de base, que serviram como elemento dinamizador, ao lado dos sindicatos, para a formação do Partido dos Trabalhadores. Apesar desse fortalecimento no campo político, a igreja católica começou a viver um refluxo de vocações, baixa frequência à missa e fortes pressões a favor do sincretismo.

No campo protestante, os evangélicos — aqueles que crêem na Bíblia como regra da fé e prática, na expiação vicária e na ressurreição de Cristo, no novo nascimento e numa vida transformada pelo poder do Espírito Santo — ganham um peso até então inédito enquanto setor de expressão na sociedade.

Divididos em dois grandes grupos, históricos e carismáticos, incluídos aí pentecostais clássicos e neo-pentecostais, cada vez mais deram as costas a sua origem social, desenvolveram um discurso dirigido à classe média e lançaram-se a uma experiência denominacional fracional e sectária.

Hoje, quarenta anos depois da eclosão desses fenômenos, podemos dizer que os extremos entraram em caducidade: a teologia da libertação e as pressões favoráveis ao fracionalismo e sectarismo denominacional estão em pleno declínio. Da mesma maneira, o liberalismo e as correntes neo-ortodoxas entraram em franco esgotamento. Há uma busca crescente pelo dinamismo religioso da cruz.

A TRAIÇÃO DA INTELLECTUALIDADE

O profetismo bíblico traduz a inquietude e o descontentamento da população em relação a acontecimentos sociais e religiosos concretos. Os profetas hebreus, no cumprimento de sua missão, não entram em choque físico, militar, como em outros lugares, com as barreiras intransponíveis levantadas pelos governos centrais. Ao invés disso, utilizam a palavra, o discurso crítico, como forma de trazer à superfície novas soluções e de influenciar aqueles que exercem o poder.

Há uma semelhança metodológica entre o profetismo bíblico e o conceito de intelectual, desenvolvido a partir dos trabalhos de Gramsci.⁸ Assim, para esse pensador italiano, o intelectual representa organicamente uma determinada comunidade, tem função superestrutural e, apesar de sua organicidade, precisa exercer autonomia em relação às pressões sociais que sofre. É dessa postura que nasce sua força crítica e sua compreensão de que diante da realidade há alternativas diferentes daquelas expressas pelo poder.

Quando ao profeta bíblico, sem negar sua característica enquanto homem de Deus,⁹ expressão humana e verbal da vontade divina,¹⁰ é importante analisar

⁸ "Se a relação entre intelectuais e povo-nação, entre dirigentes e dirigidos - entre governantes e governados - é dada por uma adesão orgânica, na qual o sentimento paixão torna-se compreensão e portanto saber (não mecanicamente, mas de forma viva), é somente então que a relação é de representação e que se produz o intercâmbio de elementos individuais entre governados e governantes, entre dirigidos e dirigentes, isto é: que se realiza a vida conjunta que, só ela, é a vida social, cria-se um bloco histórico". Antonio Gramsci, *Il Materialismo Storico e la Filosofia di Benedetto Croce*, (Turim: Einaudi, 1966) 115.

⁹ "A seleção de pessoas que devem se candidatar para aproveitar a educação teológica merece muita atenção. Ninguém pensaria em mandar um time de futebol para representar seu país se não tivesse as qualificações que o destacam da maioria dos jogadores. Paulo salienta fidelidade e idoneidade (2 Tm 2:2). Jesus aponta para humildade ou pobreza de espírito. Refere-se à pessoa que é vulnerável, totalmente dependente, no sentido de que não tem nada de si que acha poder oferecer a Deus em troca de qualquer favor dele". Russel P. Shedd, "O Fundamento e Finalidade Última da Educação Teológica", in *Vox Scripturae*, dez/1966, 291.

¹⁰ M. Buber, *The Prophetic Faith*, Nova York, 1949, citado por León Epsztein, *A Justiça Social no Antigo Oriente Médio e o Povo da Bíblia*, (São Paulo: Paulinas, 1990) 113.

também o fato de que possuía uma concepção unitária da realidade e que constantemente procurava a síntese entre política e ética. Logicamente, é fundamental esclarecer que buscava preferencialmente introduzir transformações mais do que inovações e estava longe de agir como partidário da luta de classes.¹¹ Estava enraizado na tradição, com o olhar cravado no futuro.¹²

“Para Jacob,¹³ eram ao mesmo tempo revolucionários voltados para o passado e conservadores impulsionados pela paixão do porvir; igual julgamento vemos em L. Ramlot:¹⁴ os profetas nada fazem sem invocar a tradição, no entanto, sua grande mensagem são os novos tempos. Outros exegetas julgam que os profetas sabiam servir-se do passado para as necessidades do presente. (...) Todos parecem ter algo em comum: uma atitude realista. Abominam o palavreado inútil, a eloquência abstrata. Ao contrário dos falsos profetas, interessam-se pelo concreto e procuram não viver envoltos em véu de ilusões. A pregação do futuro não constitui o essencial de suas prédicas; é antes, o fruto e o resultado final de conhecimento aprofundado no mundo adjacente, da atualidade e do passado”.¹⁵

É desesperador ver que a intelectualidade brasileira, hoje, esteja sendo cooptada pelo *establishment*, perdendo assim sua força crítica e sua capacidade de elaborar e apresentar alternativas diferentes daquelas colocados pelo *status quo*. Nossa intelectualidade é formada, tradicionalmente, por filhos da oligarquia, o que faz dela uma expressão ideológica ligada ao poder. Em parte isso explica a realidade desse tropismo em direção ao poder. E quando os intelectuais optam por ser poder, abandonam de fato sua vontade crítica, sua missão.

É próprio do profeta e do intelectual criar o desconforto. Ambos têm que ser fortes para trabalhar se necessário na solidude e continuar exercendo seu papel. O que outros pensam, no imediatismo do presente, deve ser indiferente para eles. É um equívoco pensar que vantagens imediatas sejam uma vantagem política. O fruto da política é sempre abrangente, realiza-se enquanto totalidade. As-

¹¹ W. C. Graham, *The Prophets and Israel's Culture*, (Chicago, 1934) 34, in Epsztein, *Op. cit.*, 115.

¹² Gerhard von Rad, *Theologie des Alten Testaments*, (Munich, 1958-1960), I, 75, in Epsztein, *Op. cit.*, 115.

¹³ E. Jacob, “Les prophètes bibliques sont-ils des révolutionnaires ou des conservateurs”, in *Csoc*, 71, 1963, 194.

¹⁴ L. Ramlot, *Histoire et mentalité symbolique, Exégèse et théologie, Mélanges Coppens*, v. III, 1968, 188.

¹⁵ León Epsztein, *A Justiça Social no Antigo Oriente Médio e o Povo da Bíblia*, (São Paulo: Paulinas, 1990) 115.

sim, quanto maiores os frutos ou as vantagens que uma determinada política produz, maior a sua abrangência social.

O trabalho do intelectual é plantar idéias políticas e lutar para que elas floresçam. Trocar essa missão por benesses e imediatismos é um trágico equívoco. A defesa de idéias corretas de transformação social tem um custo, que pode ser a perda momentânea de privilégios pessoais, imediatos, quando a preocupação é participar do *establishment*. Mas se o intelectual tem consciência de seu papel na sociedade, não há de fato uma perda.

Atualmente, na sociedade secular brasileira, a traição de um número crescente de intelectuais, em relação à missão que receberam da sociedade, tem como pano de fundo a globalização. Há uma forte tendência, subjetiva, para a cooptação. É essa realidade que faz o profeta superar, transcender e substituir objetivamente o intelectual de corte gramsciano na sociedade globalizada.¹⁶

É claro que nem sempre foi assim. No fim dos anos 50 e no começo dos anos 60, a comunidade intelectual brasileira buscou contribuir para um projeto de desenvolvimento nacional. A diferença básica entre aquela época e as posteriores no Brasil é, em essência, o projeto. Naquele tempo havia a busca de um projeto nacional, sem uma preocupação unívoca, ou seja, ninguém desejava uniformizar uma solução. Em torno do poder aconteceram discussões e floresceram divergências que permitiram à sociedade como um todo construir um alternativa. E havia os partidos que tinham credibilidade social e participavam de todo o processo de discussão. Tínhamos uma gama muito ampla de opiniões, desde a União Democrática Nacional até o Partido Comunista do Brasil, todos com projetos explícitos.

Hoje não temos projeto explícito, nem por parte do poder, nem dos agrupamentos políticos existentes. Sem projetos políticos não pode haver discussão

¹⁶ “Cada instituição teológica, consciente ou inconscientemente, também tem suas pressuposições e tendências ideológicas, mas duvido que a maioria desses centros educacionais tenham refletido com muita clareza e seriedade sobre tal realidade. Essa orientação ideológica estaria vinculada à história da instituição, à formulação da missão da igreja e ao papel da educação teológica no cumprimento dessa missão. Donde, cada instituição educará seus alunos para certa classe de leitura popular de acordo com suas obrigações. Tenho a impressão de que as instituições ecumênicas articulam com maior clareza seus compromissos ideológicos e que se esforçam para que esses se reflitam em seu propósito, curriculum e estruturas. (...) Quanto às leituras de uma orientação ideológica, existem dois perigos possíveis. Uma instituição pode enfocar tanto a convicção de sua responsabilidade sócio-política que perde sua relação com a igreja nacional e suas congregações. (...) É importante que a instituição teológica vá adiante da igreja e a oriente, mas que não se adiante a tal ponto que a igreja a perca de vista (...) Por outro lado, uma instituição teológica de convicções mais conservadoras pode cair na armadilha de preparar ministros de molde histórico conforme modelos eclesiais que funcionaram por longos anos. Declarações do propósito da instituição e de sua filosofia educacional podem limitar-se a critérios denominacionais e à esfera da igreja local. Essas áreas são importantes e fundamentais, mas pode ocorrer que se preste pouca atenção ao contexto maior na qual se encontra a instituição, e seus graduados não estejam adequadamente preparados para ajudar aos membros das igrejas locais ou a denominação a confrontar a realidade nacional”. M. Daniel Carroll R., “Leituras Populares da Bíblia: Seu Significado e Alerta Para a Educação Teológica”, in *Vox Scripturae*, set/1995, 139-140.

política. Num país onde o aparelho de estado não tem um projeto, os partidos ficam capengas, não há o que discutir. Sempre foi, dentro da democracia burguesa, função do estado a produção de um projeto próprio de governo. A política é exatamente isso, a discussão dos vários projetos existentes e o exercício da escolha e apresentação desses projetos para a sociedade.

Há uma diferença entre profeta e professor. Nossas faculdades teológicas formam ambos. Mas o número de profetas, enquanto elemento crítico, produtor de desconforto, dentro e fora das faculdades será sempre bem menor que o de professores. Mas isso não quer dizer que formá-los seja menos importante. A faculdade não é unívoca. Abriga indivíduos diferentes como teólogos, professores, pastores, missionários, ministros de música e de educação cristã, com perspectivas e compreensões diferentes da realidade. É necessário entender que o ensino teológico brasileiro tem cerca de cinquenta anos e seu desenvolvimento traduz uma produção carente de caminhos próprios.

Outro problema é o isolamento do ensino e da produção teológica brasileira. Nossas faculdades e seminários acabam existindo enquanto entidades fechadas, que de forma consciente ou não deixam de lançar suas idéias ao debate acadêmico e nacional. Correm assim o risco de transformarem-se em grupos sectários, fechados em si mesmos, que por isso deixam de pensar criticamente a sociedade, apresentar alternativas e pressionar positivamente governo e *establishment*.

Diante da crise estrutural da intelectualidade, nossos seminários têm o desafio de produzir profetas: homens de Deus, conscientes de seu papel histórico, que sob a luz do Evangelho, façam a crítica cristã das políticas reducionistas e antipopulares. Tal postura deve nascer de um ensino teológico que responda aos desafios da globalização e da pós-modernidade:¹⁷ necessidade e urgência da re-

¹⁷ “O espírito pós-moderno resiste às explicações unificadas, abrangentes e universalmente válidas. Ele as substitui por um respeito pela diferença e pela celebração do local e do particular à custa do universal. (...) A compreensão moderna associava a verdade à racionalidade e fazia da razão e da argumentação lógica os únicos árbitros da crença correta. Os pós-modernos questionam o conceito de verdade universal descoberta e provada graças aos esforços racionais. Eles não estão dispostos a conceber que o intelecto humano seja o único determinante daquilo em que devemos crer. Os pós-modernos olham para além da razão e dão guarida a meios não-rationais de conhecimento, dando às emoções e às intuições um *status* privilegiado. A busca de um modelo cooperativo e de uma maior valorização das dimensões não-rationais da verdade emprestam uma dimensão holística à consciência pós-moderna. O holismo pós-moderno implica a rejeição do ideal iluminista do indivíduo fleumático, autônomo e racional. Os pós-modernos não procuram ser indivíduos totalmente dedicados a si mesmos, desejam, isto sim, ser pessoas ‘completas’. (...) Os pós-modernos estão bem cientes da importância da comunidade e da dimensão social da existência. A concepção pós-moderna da totalidade estende-se também ao aspecto religioso ou espiritual da vida. Na verdade, os pós-modernos asseveram que a existência pessoal pode se dar no âmbito da realidade divina”. Stanley J. Grenz, *Pós-Modernismo, Um Guia para Entender a Filosofia de Nosso Tempo* (São Paulo: Vida Nova, 1997) 30,32 e 33.

cons-trução da intelectualidade e desenvolvimento do conjunto de nossa sociedade.¹⁸

OS DESAFIOS DA BRASILIDADE

No mundo secular, a difusão do saber produzido não é tarefa exclusiva das universidades. A mídia, por exemplo, deveria ser um dos agentes principais nessa tarefa. Acontece, infelizmente, que a mídia transformou-se em traidora de sua missão original, clássica. E todos sabemos que essa omissão é fruto de sua dependência intrínseca, e cada vez maior, das empresas globais, que direcionam a democracia do livre comércio. Tal fato gerou um desequilíbrio, que pode ser equacionado da seguinte forma: quanto maior o peso da estrutura global menor é a responsabilidade ética da mídia na difusão do saber produzido. Há uma redução da qualidade de pudor e de indignação. Assim, ao invés da palavra profética temos um cronista do *establishment*.

A questão da justiça social parte de três realidades inter-relacionadas, nesse fim de século, com a globalização. São elas, a materialidade de nosso corpo, a individualidade e a cidadania. A corporeidade é a minha primeira expressão enquanto pessoa, a forma que possibilita a minha comunicação com os outros, com a minha espacialidade e com o meio.¹⁹ Essa possibilidade de comunicação é limitada ou facilitada pela minha individualidade, que socialmente, traduz-se enquanto cidadania. Ou seja, pela maneira como participo pela sociabilidade.

O problema é que no Brasil a cidadania não se completou. De tal maneira que meu corpo aparece como diferença central em relação a outros corpos. Não importa que minha individualidade cresça, enquanto consciência que tenho de minha realidade e de minhas possibilidades, inclusive através da ampliação de

¹⁸ "Poucas instituições (teológicas) na AL procuraram e conseguiram o reconhecimento das autoridades ou dos sistemas educacionais de seus países. Inclusive, algumas das mais prestigiadas não têm esse reconhecimento. Isto significa que temos certa liberdade para repensar a estrutura e as formas de nossa educação teológica, de maneira que corresponda melhor às necessidades de nossas igrejas. Tanto o crescimento numérico dos evangélicos, como a crescente profissionalização do ministério cristão, empurrarão nossas instituições a buscar o reconhecimento dentro dos sistemas educacionais de seus países. Isso tem vantagens e desvantagens. Uma desvantagem é que, como nos EUA e na Europa, limitará a liberdade e funcionalidade da educação teológica em relação à missão das igrejas. No entanto, temos tempo para repensar de maneira funcional, as condições dentro das quais nossas instituições vão se inscrever dentro do sistema educacional de cada país". Samuel Escobar, "Fundamento e Finalidade da Educação Teológica na América Latina", *in* *Vox Scripturae*, mar/1966, 72-73.

¹⁹ "São de enorme valor as contribuições de Emmanuel Mounier e Paul Tournier à plena compreensão da 'pessoa' como um todo integral. Esses pensadores cristãos nos convidam a superar os reducionismos, como por exemplo os que em nome da espiritualidade negavam a materialidade ao ponto de negar a liberdade e a realidade do espiritual. Uma formação autenticamente cristã tem que regressar à riqueza da antropologia bíblica. Aqui temos que reconhecer que nossa pastoral evangélica foi muitas vezes muito espiritualizante". Samuel Escobar, *Op.cit.*, 64.

meus conhecimentos, se a cidadania me escapa por falta de espacialidade, de geografia. Quando alguém tem o poder de tirar a minha espacialidade, de colocarme para fora de minha casa e do meu espaço de produção, dentro da realidade urbana, ou de minha casa e da terra onde produzo, dentro da realidade rural, minha corporeidade torna-se inferior às demais, porque deixo de ser cidadão.

A grande possibilidade do futuro está na comunicação, mas não na comunicação à distância, e sim na comunicação na proximidade. O que não falta hoje é informação, divulgação de dados e fatos verticalizados, numa rapidez e quantidade assombrosos. Isso produz alienação, já que não há discussão de metas, prioridades ou contexto em que esses dados e fatos devam ser inseridos. Nesse sentido, a globalização permite falar na construção antecipada de violência deliberada.²⁰ É assim que atuam os grandes conglomerados da indústria editorial no mundo. Decidem a priori quais serão os *best sellers*. Criaram um fosso entre o mercado das idéias e a produção teórica do saber.²¹

Por isso, a comunicação está na comunidade,²² entre os povos do mundo. São eles que criam, já que a comunicação é a expressão da solidariedade de preo-

²⁰ “Só recentemente começou a emergir com clareza a dimensão *comunicação/publicidade/cultura* como parte integrante do instrumental transnacional. É cada vez mais evidente que o sistema transnacional de comunicação se desenvolveu com o apoio e a serviço dessa estrutura transnacional de poder. É parte integrante do sistema, e por meio do qual é controlado o instrumento fundamental que é a informação na sociedade contemporânea. É o veículo para transmitir valores e estilos de vida aos países do Terceiro Mundo, que estimula o tipo de consumo e o tipo de sociedade requeridos pelo sistema transnacional, em seu conjunto. Politicamente, defende o *status quo* quando este apóia seus próprios interesses; economicamente, cria condições para a expansão transnacional do capital. Se o sistema transnacional perdesse o controle sobre a estrutura de comunicações, perderia uma de suas armas mais poderosas; daí, a dificuldade de mudanças”. Juan Somavía, “A Estrutura Transnacional de Poder e a Informação Internacional”, in *Meios de Comunicação: Realidade e Mito*, org. Jorge Werthein, (S.Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1979) 131.

²¹ “Com o desenvolvimento dos meios eletrônicos, a indústria da consciência converteuse em marca-passos do desenvolvimento sócio-econômico na sociedade pós-industrial. Infiltra-se em todos os demais setores da produção, assume cada vez mais funções de comando e de controle, e determina a norma da tecnologia dominante. (...) Além do mais, os meios de comunicação também suprimem a velha categoria da obra que só se pode conceber como objeto isolado, não independente de seu substrato material. Os meios não produzem tais objetos. Criam programas. (...) Os programas da indústria da consciência têm que absorver seus próprios efeitos, as reações e as correções que provocam. Do contrário, tornam-se antiquados de imediato. Por conseguinte, não se podem considerar como meios de consumo, e sim, meios para sua própria produção”. Hans Magnus Enzensberger, *Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação*, (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978) 43, 139-140.

²² “Um elemento valioso dos grandes movimentos de renovação espiritual foi a criação de meios que permitem que a ação pedagógica e pastoral se personalizem. Os pequenos grupos dentro da igreja, onde se vive o ‘cara a cara’ da vida em comunidade não são uma invenção de algum especialista em psicologia social ou das comunidades de base no Brasil. Foram a prática dos anabatistas do século XVI, dos pietistas e dos metodistas primitivos. Sua intenção era precisamente buscar o avivamento da fé e a piedade através do estímulo mútuo que personaliza a vivência da fé na comunidade. Em especial, no modelo wesleyano, através dos pequenos grupos como células,

cupações, do fato de viver juntos, de depender para continuar vivendo.²³ E aí está, sem dúvida, o caminho para uma outra globalização, que não precisa necessariamente de toda a sofisticação pós-moderna.

Até agora, o mundo da globalização é verticalizado, tem preocupações pragmáticas, localiza-se em centros frouxos, de onde comanda a violência da informação e a violência do dinheiro. Mas isso é uma transição. As comunidades, os grandes centros urbanos, as grandes massas, no entanto, estão criando outra coisa. Respondem à informação e ao pragmatismo com comunicação e emoção. Abandonaram, sem terem consciência disso, a epistemologia do iluminismo.

A emoção permite a liberação de quadros estabelecidos, por isso tem um papel motor na produção do conhecimento. Quando falamos de emoção estamos realçando tendências motivadoras, quer sejam imitação, defensiva, agressiva, gregária, de propriedade, de domínio, de submissão. Isto porque a iniciativa da vontade ou da atividade pode ser insuficiente ou deficiente na descoberta e criação do conhecimento.

O Antigo Testamento é rico nesse tipo de experiência vivencial que faz cruzar emoção e comunicação. O povo israelita se movimenta, sacrifica, luta, vence, num processo contínuo de novas emoções e conhecimentos para obter uma conquista final. A fé se constrói dentro do mesmo princípio, dando forças para suportar, em Jó, no agir, em José, e na obediência como fruto da confiança, em Abraão. A própria "assinatura" da aliança no Antigo Testamento acontece no contexto de uma crise emocional sem precedentes na vida do herói da fé. E como ponto alto dessa dialética emoção/conhecimento na cultura judaico-cristã temos o sermão do monte, onde todo o discurso é carregado de beleza motivadora: *dos pobres de espírito é o reino dos céus; os mansos herdarão a terra; os que choram serão consolados, os que têm fome e sede de justiça serão saciados*, etc. Assim, as escrituras bíblicas têm transmitido confiança e esperança ao comunicar emoção. E isso não acontece por acaso. É Deus quem leva à emoção. Ele criou o ho-

ligas e classes, a ação pastoral se ampliava e possibilitava um pastoreio mútuo dentro das grandes linhas teológicas desenvolvidas pela pregação de John Wesley e a hinologia de Charles Wesley". Samuel Escobar, "Fundamento e Finalidade da Educação Teológica na América Latina", in *Vox Scripturae*, mar/1966, 63.

²³ "A fim de criar riqueza, os indivíduos devem ser livres para serem outros. Não devem ser compreendidos como fragmentos de uma entidade, membros de um grupo consanguíneo ou enclave étnico, mas como indivíduos - fontes originadoras de discernimento e opção. Tais pessoas não estão isoladas nem são estranhas entre si. Simpatia, cooperação e associação são para elas tão naturais e tão necessárias, como o ar que se respira. No entanto, quando formam comunidades, elas as escolhem, *elegem-nás, contratam* em seu nome. O estado natural da comunidade política de pessoas chegou a se constituir não através de posse primordial, mas por compactação constitucional. Antes que a raça humana escolhesse suas comunidades, havia somente uma forma de *poetas*, um tipo de *amor*, o amor ao país. Ainda não fora vislumbrada a possibilidade de *dilectio*. O amor primordial ao país é bom. Mas a escolha, a compactação, a eleição são melhores". Michael Novak, *O Espírito do Capitalismo Democrático*, (Rio de Janeiro: Nórdica, 1982) 415,416

mem com possibilidades que não se restringem à razão e à lógica. O mundo é um incentivo à vida. Nesse sentido, toda a criação é um desafio às nossas emoções.

Os setores médios da sociedade estão alicerçados no consumo, que é um redutor do pensamento, por isso tendem a ver o mundo como uma realidade estática, onde nada muda. A mídia, através do massacre da informação, aprofunda essa falsa consciência e fortalece o enquadramento dos setores médios. É desse enquadramento que nasce sua prosperidade e, como consequência, sua dificuldade para pensar a realidade. E a universidade, como centro pensante dos setores médios, perde sua capacidade de gerar reflexão crítica e indignação.

O que vemos, no que se refere às grandes massas, é a racionalidade ceder lugar à emoção,²⁴ enquanto geradora de atividades sociais produtivas. Temos, então, uma produção que nasce das entranhas das massas, a partir de baixo, num nível e intensidade até agora desconhecidas na história humana.

Numa sociedade aparentemente rica,²⁵ a sabedoria passa a ser privilégio daquele que conhece a experiência da escassez. É o caminho da descoberta, do que valho realmente enquanto ser. Assim, o continente latino-americano, inclusive o Brasil passam a ser historicamente afortunados, por serem potencialmente produtores de sabedoria.

Nesse sentido, estamos deixando a era tecnológica e entrando na era da democracia das grandes massas. O que é uma mudança de qualidade nas relações humanas. As grandes massas, em movimento desde os anos 50, começam agora a fazer uso da comunicação, enquanto linguagem transformadora da situação dos deserdados da terra. Esse fenômeno que se expande, mas ao mesmo tempo se aprofunda, aponta para algo inteiramente novo no cenário latino-americano.

²⁴ “Ambos os autores, Heller e Wallon, apontam para a estreita relação entre emoção, linguagem e pensamento, o que torna impossível seu estudo isolado, pois, desde muito cedo na vida do indivíduo, a sociedade, por meio da linguagem, integra-se no todo que constitui. (...) Por intermédio destes autores reforçamos a nossa constatação da natureza mediacional das emoções na constituição do psiquismo humano. Elas estão presentes nas ações, na consciência e da identidade (personalidade) do indivíduo, diferenciando-se social e historicamente por meio da linguagem. (...) Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam”. Sílvia T. Maurer Lane, “A Mediação Emocional na Constituição do Psiquismo Humano”, in *Novas Veredas da Psicologia Social*, Sílvia T. Maurer Lane e Bader Burihan Sawaia (orgs.), (São Paulo: Educ/Brasiliense, 1995) 58,59 e 62.

²⁵ “Outros vícios sociais produto desse ‘cultivo da riqueza’ não podem ser ignorados. Alimentam-se exponencialmente do ‘amor ao dinheiro’ (1 Tm 6:10); generaliza o equívoco que privilegia o ter sobre o ser; desdenha a posição cristã de ter muito e viver com menos do que se tem; promove a cultura do ócio que gasta em prazeres sensuais (Lc 12:16-21). Tudo isso termina destruindo os valores e princípios que fazem possível o próprio crescimento econômico. Qual a melhor medicina contra esses vícios da alma? A Igreja que possui uma mensagem vibrante e realista no social, político e econômico.” Guillermo W. Méndez L., “Propostas Para Um Fundamento Teológico da Economia”, *Vox Scripturae*, mar/1966, 95.

ENSINAR TEOLOGIA PODE SER EMOCIONANTE

Exatamente porque a função da faculdade de teologia é desenvolver a capacidade crítica e criadora, informar e formar hábitos e habilidades, desenvolver atitudes e ideais, deve procurar romper com a tradição racionalista da modernidade. O futuro pastor, o missionário, o ministro e o teólogo vivem num mundo real e querem transformá-lo,²⁶ ganhando vidas para Jesus Cristo. A faculdade de teologia que funciona enquanto realidade isolada não entendeu uma das exigências da pós-modernidade: o ensino que não se integra na vida real, em sentido horizontal, não é motivador, abandonou o fator experiência. Por isso, enumeramos sete recursos pedagógicos que favorecem a mediação da emoção na produção do conhecimento - ponto de partida para uma pedagogia teológica calcada na *práxis* da formação e transformação de vidas:

1. *Fracasso e sucesso estão carregados de conteúdos emocionais.* Na discussão de questões do Antigo Testamento, seja a aliança abraâmica, o êxodo ou a reforma de Esdras e Neemias não importa se o aluno se embaraça em entender os sentidos mais profundos de cada teologia, por desconhecer origens e conceitos. Ele se sente desafiado em descobri-los, se as aulas forem emotivamente dirigidas nesse sentido. É necessário, porém, equilibrar sempre fácil e difícil, levando em conta que os mais inseguros são estimulados pelo sucesso e os mais seguros com a possibilidade do fracasso.

2. *A segurança depende do conhecimento de possibilidades e realizações,* não do conhecimento das teologias da aliança, do êxodo ou das reformas de Esdras e Neemias. Para manter o aluno motivado, para explorar ao máximo suas possibilidades criadoras, o professor deve visualizar uma espécie de conta corrente, onde o ativo são os resultados dos esforços do aluno ao competir consigo mesmo e o passivo sua preparação em direção à auto-determinação.

3. *Competir faz parte da vida, mas nem sempre há justiça na premiação.* A faculdade de teologia deve preparar os futuros pastores, missionários, ministros

²⁶ "(...) Farei algumas citações do matemático, filósofo e professor, Alfred North Whitehead, extraídos de sua obra *The Aims of Education* - 'Os objetivos da educação': '(...) a compreensão que desejamos é a compreensão do presente insistente. A única utilidade do conhecimento do passado é a de equipar-nos para o presente. Nenhum mal é mais mortal às mentes jovens do que a depreciação do presente. Qualquer mudança fundamental na visão intelectual da sociedade humana deve ser necessariamente acompanhada de uma revolução educacional. Não é possível a existência de um eficaz sistema educacional no vácuo, vale dizer, de um sistema divorciado do contato imediato com a atmosfera intelectual existente. A educação moral é impossível sem uma visão constante de grandeza. Se não somos grandes, pouco importa o que fazemos ou debatemos e o sentido da grandeza é uma intuição imediata e não a conclusão de uma argumentação lógica'. Nós precisamos criar um Brasil - e não ensiná-lo". Décio Pignatari, *Contracomunicação* (São Paulo: Perspectiva, 1971) 61.

e teólogos para a inevitável competição da vida. Eles vão competir consigo mesmos, vão competir enquanto indivíduo no grupo, vão competir com outros grupos. Como eles têm um ministério cristão é importante deixar claro que vão concorrer com outros grupos do ponto de vista teológico, e não somente isso, mas vão também fazê-lo ao nível social, cultural e político. Sabemos porém que é quase impossível prever como vão participar dessa concorrência e até onde vão conseguir realizar seus interesses particulares, e como tal competição se transformará em mola propulsora de desenvolvimentos posteriores.

4. *Prêmio e castigo sempre fizeram parte da educação judaico-cristã.* Nos últimos anos, andaram em desuso, mas a realidade tem mostrado que os prêmios satisfazem a tendência natural de auto-afirmação e de obtenção de prestígio, enquanto os castigos contrariam essas necessidades. Assim, quando um estudante erra e não lhe damos a reprimenda esperada, estamos enevoando seu sistema de valores. Estamos confundindo e não educando. Por isso, principalmente numa faculdade de teologia é melhor repreender ou elogiar do que ausentar-se de qualquer manifestação diante dos trabalhos realizados. É bom lembrar que o castigo reforça o desprazer de um mau resultado e o prêmio faz a transição da ansiedade à liberação.²⁷

5. *O aproveitamento da experiência prévia do aluno é um fator espetacular de motivação,* mas deve ser reinterpretado, retificado e ratificado. Sua experiência de vida religiosa, social, cultural e política, soluções encontradas para problemas reais vividos na família, na igreja e na comunidade em geral não somente favorecem a integração do aluno no grupo, mas produzem um sentido de correlação entre o meio social e a faculdade. É necessário aproveitar a tendência gregária dos alunos no planejamento e discussão dos cursos, na sua execução e controle, completando-se com o trabalho socializado. Os grupos estruturam-se visando atender a soluções intelectuais e afetivas. E as atividades extra-classe, desde que levem em conta essas motivações, podem ter um importante papel didático.

6. *As diferenças individuais devem ser levadas em conta e compensadas* através de dois recursos: as entrevistas e a graduação de tarefas. Na primeira, os estímulos tornam-se diretos, mas o sucesso depende em muito da simpatia e da

²⁷ "Do respeito às delimitações advém a verdadeira coragem ante a vida. Inclusive advém a elaboração daquilo que talvez nos seja mais difícil: os limites da própria vida individual, a morte. Os poucos indivíduos que conseguem realizar esta elaboração atingem uma admirável e generosa coragem de viver, a possibilidade de plenamente exercer a vida. Advém-lhes daí a sua dignidade. Os limites não são áreas proibitivas, são áreas indicativas. São meios e modos de identificar um fenômeno. Ao encontrar os limites, podemos configurar o fenômeno e, mais importante, ao esclarecer os limites, qualificamos o fenômeno". Fayga Ostrower, *Criatividade e Processos de Criação*, (Petrópolis: Vozes, 1986) 160.

habilidade psico-pedagógica do professor. Na graduação de tarefas oferecemos uma oportunidade de auto-determinação, um incentivo à aprendizagem afetiva.

7. *A crítica, enquanto construção aluno-professor, é imprescindível à segurança afetiva.* O amor é a grande motivação. O amor permite ao professor encontrar os recursos necessários para educar os futuros pastores, missionários, ministros e teólogos em hábitos, atitudes e ideais, e orientá-los no caminho da verdade e da justiça.

Para terminar, gostaria que meditássemos, como homens e mulheres e envolvidos no ensino da teologia, num pequeno texto de Russel Shedd. Diz o teólogo:

"Segundo Karl Barth, a função da teologia evangélica é formular uma pergunta concernente à verdade, significando com isso que a tarefa do teólogo é inquirir se a igreja está compreendendo e comunicando (com sua palavra e sua vida) corretamente o evangelho. É possível crer na Bíblia de capa a capa e, mesmo assim, deixar de descobrir a verdade fundamental nela contida. Uma entrega ao Autor e Senhor da Bíblia, que produza transformação de vida, assim como uma submissão contínua ao Espírito Santo regenerador, o intérprete divino da Bíblia, são pré-condições essenciais quando os desafios da Escritura são ouvidos e atendidos. Não obstante, devemos precaver-nos do perigo da cultura obscurecer nosso reconhecimento da vontade de Deus em sua Palavra revelada. A justiça social apresenta exatamente este desafio. Os que se apegaram com maior tenacidade ao plano elevado da inspiração bíblica com frequência sufocaram as exigências divinas para que seu povo exemplificasse a sua profunda preocupação com a justiça".²⁸

A preocupação de Shedd nesse texto é a justiça social, mas seu alerta quanto à cultura são válidos para a pedagogia voltada ao ensino teológico. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, essa deve ser a diretriz. Por isso, toda crítica à falsa consciência e à alienação no âmbito da *práxis* teológica deve ter como base a verdade e a justiça, enquanto inquirição da compreensão e proclamação do evangelho por parte da igreja, corpo de Cristo no mundo. Assim, quando a tarefa é formar e transformar através da verdade e da justiça, a pedagogia é o amor.

²⁸Russel P. Shedd, *A Justiça Social e a Interpretação da Bíblia* (São Paulo: Vida Nova, 1993) 1.